



Gênero e religiosidade na comunidade caribenha de Rondônia

*Nilza Menezes**

Resumo

Fazendo uso de entrevistas com descendentes da comunidade caribenha de Porto Velho, Estado de Rondônia, abordamos algumas questões com relação à presença do grupo no contexto da cidade. Focamos nossas pontuações nas questões de gênero e religião em razão de o grupo apresentar de forma marcante essas características.

Palavras-chave: Religião, gênero, caribenhos, trabalhadores, imigrantes, Rondônia.

Gender and religiosity in the Caribbean community of Rondonia.

Abstract

Using some interviews with descendants of the Caribbean community of Porto Velho, Rondonia State, we addressed some issues regarding the group's presence in the context of the city. We focus on gender and religion issues because the group presents markedly these characteristics.

Keywords: Religion, gender, Caribbean, workers, immigrants, Rondônia.

Género y religiosidad en la comunidad caribeña de Rondônia

Resumen

Usando algunas entrevistas con los descendientes de la comunidad del Caribe de Porto Velho, Estado de Rondônia, abordamos algunas cuestiones relacionadas con la presencia del grupo en el contexto de la ciudad. Nos centramos en cuestiones de género y religión porque el grupo presenta estas características marcadamente.

Palabras clave: religión, género, caribeños, trabajadores, inmigrantes, Rondônia.

O presente trabalho, fazendo uso de entrevistas, tece algumas observações sobre as relações de gênero e práticas religiosas da comunidade conhecida por “barbadiana”. O grupo é composto de descendentes dos trabalhadores caribenhos transplantados para o espaço amazônico no começo do século XX quando da construção da estrada de Ferro Madeira Mamoré. Algumas das entrevistas foram realizadas em março de 1977¹ e fazem parte de artigo já publicado, *Chá das Cinco na Floresta*².

* Mestre e doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Coordenadora e pesquisadora do Centro de Documentação Histórica do TJRO. Pesquisadora do grupo Mandrágora/Netmal.

¹ Acrescentamos nessa nova leitura outras entrevistas que fazem parte do acervo do Centro de Documentação do Estado de Rondônia, ampliando as possibilidades de interpretação sobre o mesmo



Por barbadianos ficaram conhecidos genericamente os trabalhadores caribenhos recrutados para a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Cabe aqui alertar que embora grande parte viesse de Barbados também vieram trabalhadores de Granada, Santa Lúcia, entre outras ilhas do Caribe. A predominância desses trabalhadores barbadianos ocasionou a generalização do tratamento aos naturais das demais ilhas de fala inglesa. As ilhas que compõem o Caribe têm a história assim narrada:

O Caribe deve seu nome aos povos da família lingüística “karib” ou “caribe”. Foram dois movimentos, originários da bacia do rio Orinoco: os aruaques, que começaram a migrar a partir de 300. a.C., e os caribe, que migraram c.1000 d.C. Os Caribe foram penetrando no mundo das ilhas grandes e ocuparam Colba (Cuba), Xamayca (Jamaica), Hispaniola (atuais Haiti e Rep. Dominicana) Borinquen (Porto Rico) e também no rosário das ilhas menores, mais próximas da foz do Orinoco: Montserrat, Guadalupe, Dominica, Martinica, Santa Lucia, São Vicente, Barbados, Granada, sem esquecer Trinidad-Tobago e a “Isla Margarita” na costa venezuelana (Hoornaert, 1999: 173).

No primeiro momento de colonização, conforme observa Hoornaert (1999) há um projeto de civilização por parte da Igreja, estando imbuídos desse projeto os padres franciscanos, dominicanos, agostinianos e mercedários. Com o passar do tempo, a população original foi desaparecendo, e assim como o Brasil o Caribe assumiu uma feição africanizada, com os escravos negros trazidos para trabalhar na exploração da cana-de-açúcar.

A ocupação das ilhas do mar Caribe pelos ingleses ocorreu no início do século XVII. Ana Maria Bidegáin (1993: 220) observa as dificuldades do primeiro momento da colonização, ressaltando que essas não foram superadas rapidamente, e comenta a ocupação européia pelos ingleses. Dessa forma, somente em 1620 tem início o processo de colonização pelos ingleses, a partir das ilhas que os mesmos dominavam nas Antilhas, conforme segue:

Em 1620 um grupo de pesquisadores de ouro, aos quais se uniu um grupo de puritanos conhecido como o grupo dos “35 pais peregrinos”, se transferiu para a América a bordo do famoso May Flower, e fundaram o povoado de Plymouth. Os fundadores de Plymouth foram ajudados por capitalistas londrinos, que financiaram também as colonizações nas Antilhas (como a de Barbados, St. Kitts, Nevis, Monserrat e Bermudas) (Bidegáin, 1993: 220).

O projeto colonizador no Caribe tinha dois objetivos: o de garantir um lugar estratégico, situado bem dentro dos mares controlados pela Espanha, na rota dos galeões e o cultivo do fumo, produto americano que começava a se impor no mercado

objeto e principalmente dando maior ênfase às questões religiosas e ao papel exercido pelas mulheres nesse processo.

² No primeiro trabalho realizado fizemos uma leitura da presença das mulheres caribenhas no processo de construção da ferrovia. Aqui, ampliamos o olhar sobre a presença das mesmas para fazer algumas observações quanto à religiosidade e identidade do grupo.



européu. Todas as ilhas desempenhavam o mesmo papel econômico de outras possessões no Caribe, onde a população negra transplantada da África como mão-de-obra escrava tornou-se superior às outras etnias. Constituiu-se então uma sociedade escravista e, conseqüentemente, racista com as características semelhantes das possessões francesas e também da sociedade colonial no Brasil. (Bidegáin, 1993).

Especificamente falando sobre a população barbadiana, Michael Craton (1995) ao analisar a transição da escravidão no caribe britânico, observa que a população negra barbadiana tinha adquirido certo orgulho através dos conceitos trazidos pelos missionários protestantes que, já no começo da década de 1820, haviam convertido quase que a totalidade dos escravos às igrejas Metodista, Morávia ou Anglicana. A ação missionária, muito embora não tenha contribuído, para tornar os escravos mais produtivos e maleáveis, introduziu neles senso de valor pessoal e político, dando aos mesmos a consciência de possuírem aliados na Inglaterra, simpáticos à causa da libertação. Barbados, apesar de ter formalmente extinguido a escravidão negra desde 1838, muito antes do Brasil (1888), passou por um processo de transição da forma de trabalho escravo para a forma de trabalho livre que se revelou muito traumático. Trinta e oito anos após a libertação, os ex-escravos ainda lutavam, contra os brancos com o objetivo de obter a igualdade dos direitos políticos e civis, o que ocasionou, em 1876, uma revolta dos negros. Os componentes contraditórios da opressão social, efetuada pela elite de origem européia e do senso de orgulho e dignidade pessoal transmitido pelos missionários aos ex-escravos, formaram o fermento da rebelião. Assim como outras possessões a Ilha de Barbados passou por inúmeras dificuldades para conquistar a sua independência:

A explosão barbadiana de 1876 foi de maneira mais óbvia, a ação coletiva espontânea de uma força de trabalho subjugada contra seus opressores empregadores. Como revelou o subsequente inquérito oficial (sem reconhecê-lo formalmente), a falta de terras e alternativas de emprego e o sistema de arrendamentos de mão-de-obra eram tão absolutos que, com o declínio dos lucros da monocultura açucareira, por toda parte os salários estavam abaixo do nível de subsistência e mortes por inanição não eram incomuns. Juntamente com isso havia um sistema de justiça desigual, uma polícia dura, com péssimas condições nas prisões e casas de correção e quase nenhum serviço social, salvo um sistema educacional rudimentar, para não falar da completa falta de representação política da classe trabalhadora, numa colônia que se orgulhava de ter o segundo mais antigo sistema de legislação própria do império britânico (Craton, 1995).

Aproveitando-se das adversas condições sociais da população trabalhadora das ilhas, o capital internacional lançou-se vorazmente em uma campanha supranacional de arregimentação daquela força de trabalho, ocasionando a utilização de trabalhadores para as grandes obras públicas (ferrovias, canais, portos) realizadas mundo afora:

Nesse sentido, o capital internacional se lançou sobre a reserva de mão-de-obra, que passava dificuldades em função do crescimento populacional e se encontrava aflita devido à carência de terras de subsistência e à insuficiência dos salários locais, assim como devido à opressão de seus senhores coloniais. Ele extraiu mais de colônias pobres como as Bahamas, decadentes super



povoadas como Jamaica e Granada, ou da ambiciosa, relativamente instruída e inquieta população negra de Barbados, e menos de colônias como a Guiana Inglesa e Trinidad, onde havia oportunidades de emprego assalariado, embora limitada (Craton, 1995).

Para os países constituía-se em um recurso desesperado para auxiliar o sustento das famílias que permaneceram nas Antilhas. Conforme Michel Craton (1995) *a imigração, na maioria dos casos, era uma válvula de escape sociopolítica, e o dinheiro trazido ou enviado para casa por migrantes estabelecidos foi uma importante contribuição à economia de suas empobrecidas terras de origem.*

Ana Maria Bidegáin (1993) observa que a ocupação inglesa tinha um sentido muito mais econômico, e, embora a população fosse formalmente livre no final do século XIX, as condições sociais eram bastante precárias, o que resultava na aventura por outras terras de muitos naturais das ilhas. Esses indivíduos vinham por conta própria ou recrutados por agentes, para trabalharem em grandes obras públicas. Destarte, muitos deles vieram para a Amazônia e, sem emprego fixo ficaram perambulando pela região. Existem registros de casos de barbadianos circulando pelas cidades de Manaus e Purus, trabalhando em seringais, acometidos de doenças, em terra estranha, ou sendo iludidos ante a possibilidade de trabalho e ganho fácil de dinheiro, apresentada pelos agentes recrutadores das grandes empresas de construção. Apesar desse grande êxodo, corações e mentes desses imigrantes permaneceram nas ilhas. A busca de trabalho em outros que religioso, salientando que os ingleses tinham interesse em explorar as ilhas, e que a questão da exploração da mão de obra escrava para os puritanos ingleses possuía um caráter muito mais comercial e prático do que para os católicos, que tinham sentimento de culpa para com isso. A observação de Bidegáin (1993) quanto aos sentimentos mais práticos no que se refere à exploração da mão de obra devem ser levados em consideração com relação à postura dos ingleses, no entanto no que tange à questão religiosa eles foram bastante contundentes na missão catequizadora.

Porto Velho surgiu no ano de 1907 em decorrência do movimento ocasionado pela construção da Ferrovia Madeira-Mamoré no ano de 1907. O momento era de um grande projeto modernizador. O da construção da ferrovia dentro da selva, o que implicou no surgimento de um núcleo urbano inicialmente organizado e controlado pela elite de empresários e administradores do empreendimento, e logo depois pelos políticos e capitalistas vinculados ao extrativismo da goma elástica.

Ao observarmos a colônia de descendentes de caribenhos, transplantada para Porto Velho no início do século XX, percebe-se que os princípios religiosos trazidos por seus pais das ilhas foram mantidos como uma forma de superioridade pelos negros antilhanos, que abrigam na educação religiosa a sua distinção dos negros brasileiros. Há um rompimento cultural definitivo para com a cultura africana. Não se reconhecendo como tal, assumindo-se como ingleses, súditos da rainha e de religião anglicana.

No momento inicial do projeto (1907), a população arregimentada para o trabalho na ferrovia era majoritariamente masculina. Operários de todas as partes do mundo vieram para trabalhar na construção da ferrovia, dentre eles os barbadianos,



que para aqui se transferiram diretamente das ilhas ou de outros locais onde já haviam concluído obras.

Inicialmente, os homens vieram desacompanhados de suas famílias, quando as possuíam. Posteriormente, em 1910, muitos desses trabalhadores conseguiram obter a autorização da ferrovia para trazer suas esposas para Porto Velho. Apesar de haver um rígido controle sobre os mesmos dentro do pátio da ferrovia, muitos dos depoimentos dos descendentes diretos desses trabalhadores, ainda vivos, nos dão a impressão de que as coisas ali ocorriam às mil maravilhas, apesar disso, os cronistas da época relatam situações bastante constrangedoras para os trabalhadores das ilhas que não mais estavam empregados, sob a custódia da companhia. Muitos desses trabalhadores, homens e mulheres permaneceram no local mesmo após a conclusão das obras. Constituíram família ou trouxeram as esposas das ilhas. Em Entrevista com um descendente de caribenhos, ficam claros os motivos pelos quais muitos não voltaram para a América Central após a conclusão da construção da ferrovia:

[...] quando a estrada de ferro "parou", muitos que não tiveram filhos, e queriam voltar para a terra de origem a Companhia inglesa pagava a passagem de volta. No caso do meu pai que teve 12 filhos, teria que pagar uma fiança até certa idade para cada filho, para se naturalizar inglês, o que dificultou a volta [...] (Theophilus Shockness).

Os homens e mulheres oriundos do Caribe, nessa região, viveram segregados em razão da religião, da língua, da cor e por constituírem um bairro próprio (Barbadian Town). Esses ex-escravos herdaram dos missionários protestantes a religião cristã e a assimilaram-na de tal maneira que continuaram a mantê-la em seus valores do cotidiano, o que certamente colaborou muito para a manutenção desses valores o fato de viverem em um ambiente cuja elite, norte americana, também pertencia, majoritariamente, ao protestantismo. Os cânones religiosos protestantes serviam como referencial de crítica à forma como eram administrados os sacramentos na igreja católica, conforme explica um descendente de barbadianos:

[...] não aceitavam muito a religião católica, e nem a forma de que eram batizados os filhos, pois acreditavam que na igreja católica não se ensinava o correto a começar pelo batismo, o qual deveria ser feito apenas quando a pessoa tivesse consciência [...] (Theophilus Shockness).

Também em relação aos folguedos folclóricos e às religiões africanas havia um sentido bem determinado de distanciamento, não pertenciam à sua cultura. Afirmando a intenção de firmar-se como representante de uma cultura anglo-saxônica, negando a raiz e as tradições de sua descendência original, a África:

[...] nós éramos moldados dentro de uma cultura diferente daqui, de religião anglicana, não tínhamos esse negócio de boi-bumbá, batuque... Quem trouxe essas manifestações foram os povos que vieram do nordeste, Dona Esperança e outras pessoas. (Dionísio Shockness).

No entanto, percebe-se em raros momentos que a ação evangelizadora dos missionários protestantes no início do século XIX não apagara de todo a lembrança



das crenças e costumes africanos. Encontramos na fala do colaborador resquícios dessas crenças:

Os barbadianos não freqüentavam o terreiro, mas respeitavam a questão religiosa, porém nem todos tinham a Batista como religião e iam ao terreiro, alguns trouxeram de lá também, pois lá eles usavam também suas mandingas (Theophilus Shockness).

Há relatos de barbadianos que instalaram centros de macumba na região Amazônica:

[...] isso em Belém, era uma senhora barbadiana, fazia procissão de carros na casa dela, e ela quando ia falar alguma coisa, chamava o caboclo que se apossava dela, o espírito, ele chegava e contava tudo (Theophilus Shockness).

Nas posturas diárias tentavam distinguir-se também através dos hábitos de higiene. O asseio parecia indispensável a essa distinção, ao entrarem em contato com uma população multiétnica parecia-lhes que essas pessoas não seguiam os padrões de limpeza corretos, causando repugnância, entre outras coisas, o processo de elaboração dos alimentos:

[...] o pessoal daqui, lhes faltavam princípios, os hábitos, questão higiene, eles observavam muito como as pessoas tratava um peixe, fazia um café (...) minha mãe não tomava café de vizinhos... (Theophilus Shockness).

Assim, o compartilhamento do alimento, prática existente em todas as culturas como meio de aproximação amigável e confraternização, ficava vedado em razão das diferenças culturais, nesse caso diferente padrão de higiene, tornando-se mais um elemento de isolamento. Terno de linho branco para os momentos importantes e casas de jogos e diversões, tudo ajudava a manter os trabalhadores, mesmo no meio da floresta, com alguns dos costumes de seus antigos donos e colonizadores. Hábitos, como o chá das cinco, foram mantidos em meio a um meio ambiente, a floresta, e a uma cultura, a amazônica, totalmente diversa do seu ambiente de origem. Os valores da cultura inglesa tinham que ser mantidos, mesmo custando o isolamento, o chá tinha que ser tomado as cinco, mesmo na floresta amazônica, onde ainda hoje há quem diga que chá só para remédio, ou que chá é só para lugares frios. Havia então um choque de culturas que facilitava o isolamento étnico por parte dos caribenhos.

Os negros caribenhos, originários das ilhas colonizadas pela Inglaterra, um território de maioria negra até os presentes dias, libertos cinquenta anos antes dos negros brasileiros, possuíam elevados sentimentos de patriotismo com relação à coroa inglesa, mesmo trabalhando e vivendo em outro país, com família constituída em outra terra, com filhos ali nascidos, continuavam mantendo o sentimento de superioridade cultural, inclusive separando-se dos outros negros, os quais consideravam inferiores. Em Porto Velho, preservavam-se por meio da religião, da língua, dos relacionamentos de amizade e, principalmente mantendo-se unidos pela perpetuação da cultura, ao unirem-se em casamentos entre os membros das colônias.

No período da vinda dos caribenhos para o Brasil, predominava no país uma forte ideologia de “embranquecimento da raça”. Como os negros brasileiros, os



imigrantes caribenhos viveram “numa sociedade em que os valores burgueses, perpassados por uma ideologia de embranquecimento, eram sistematicamente impostos” (Rocha, 1996:39). Apesar de o caribenho ter um grande sentimento de superioridade e de distinção com relação aos negros brasileiros, para a população brasileira que vivia em Belém, Manaus e em Porto Velho, negro era considerado negro, à primeira vista indistintos, nacionais ou estrangeiros, sendo vistos como fator de violência e problema. Os barbadianos, porém, souberam impor-se, distinguir-se através da cultura assimilada ao inglês, tão arraigada em suas convicções, o que fez com que de imediato, permanecessem imunes à ideologia racial predominante no Brasil, resultando daí que algumas famílias desses negros se mantiveram homogêneas e puras, no tocante à etnia, até o presente momento.

Dois outros motivos também podem ser apresentados para explicar a origem desse fenômeno. Os caribenhos solteiros evitavam manter relações estáveis com as mulheres não caribenhas uma vez que o trabalho em Porto Velho era temporário, ou seja, estavam aqui somente de passagem, trabalhando para ajudar a manter suas famílias no país de origem. Portanto, evitar o contato entre os dois grupos, podia também ser a forma de impedir que na hora da volta somasse mais a mulher e filhos, o que, como se viu, tinha peso importante na decisão de retornar à terra natal ou ficar no Brasil. Mas alguns barbadianos que se casaram em Porto Velho e, na maior parte, com filhas de contrerrâneos, assumindo o risco de não poder arcar com o retorno da família. Também, a preferência desses homens por mulheres da colônia é explicada em função da repugnância que as mulheres brancas, caboclas e as negras nacionais causavam neles. Temiam, entre outras coisas, o contato com mulheres brancas por ser fato corrente entre eles, na época, de que elas estavam contaminadas com doenças venéreas e tinham hábitos de pouca higiene. Na medida em que muitos dos costumes nacionais contrariavam os costumes e a formação desses imigrantes eles de certa forma influíram na primeira geração para que se casasse entre si: “... *meu irmão mais velho quando casou, foi com uma cabocla da região, meus pais ficaram contrariados...*” (Theophilus Shockness).

Esse comportamento prolongou-se por muito tempo, e o casamento de negro com branca (caucasiana) ou cabocla, como eram chamadas as mulheres nascidas na região somente será observado já na terceira geração. Ainda que nos casos da união de um caribenho com uma cabocla, ocorridos na primeira geração, ou seja, filhos de pessoas originárias das ilhas caribenhas nascidos em Porto Velho, ao se unirem com mulheres da região sofreram preconceito por parte da sua comunidade, de tal maneira que foram forçados a isolar-se da colônia e, assim, mesclar-se, ao comporem com outro grupo. Há distinção entre os negros que ainda vivem nas proximidades do centro da cidade e os que se encontram nas proximidades da Vila Candelária³. Não significa exatamente uma ruptura, mas os homens negros casados com mulheres brancas formaram um aglomerado à parte, um pouco isolado do outro grupo conservado sem mescla étnica. A mistura tirou a homogeneidade, observando-se entre os grupos

³ A Vila Candelária é um bairro onde vivem diversas famílias de descendentes. O local foi doado às famílias em razão do desalojamento do grupo do bairro (Barbadian Town) onde inicialmente viviam mantendo costumes e tradições. O desalojamento, conforme informam os entrevistados de dá em razão de projeto modernizador de transformação da cidade e também como forma de acabar com o isolamento do grupo.



distinções quanto à moradia e religião, além de diferenças na percepção do processo histórico de que foram agentes. Observamos também que os descendentes que se uniram às mulheres da região optaram pela Igreja Assembléia de Deus. Os que se mantiveram “puros” deram preferência para a Igreja Batista.

Apesar de viverem dentro de outro país, eles isolam-se da maneira possível, agrupando-se por famílias, resistindo o quanto puderam. Dos membros das famílias entrevistadas em Porto Velho, remanescentes dos trabalhadores da ferrovia, e que estão hoje já na sua terceira geração, muitos ainda relutam e procuram manter-se isolados. Casos de mescla étnica, porém são gradualmente percebidos em razão de não haverem mais tantas famílias para que se possam casar-se endogenamente, acabando por ocorrerem os casamentos com outras etnias por falta de opção entre eles. O isolamento que o grupo manteve foi, inicialmente, também uma estratégia de proteção, casando-se entre os iguais e mantendo-se, na medida do possível, isolados, inclusive dos outros negros, uma vez que quem detinha emprego estava protegido.

Contudo, o que se pode observar é que os caribenhos vieram em classes. Os encarregados de alguma tarefa mais importante ou missão, que é o caso dos que voltaram para buscar mulher, noiva ou namorada, e o grande contingente dos trabalhadores e trabalhadoras de menor qualificação, acabando as uniões também por ocorrerem dentro desse padrão de classes. Os funcionários que ocupavam algum cargo um pouco mais elevado na empresa tiveram permissão e condições para buscarem esposas ou noivas deixadas nas ilhas. O mesmo não ocorreu com os trabalhadores comuns, que se uniram a mulheres que já se encontravam no Brasil, residindo em Manaus, ou em Porto Velho e que se aventuraram sozinhas em busca de oportunidades. Essa informação é causadora de controvérsias. A comunidade não gosta dessas referências de que mulheres vinham sozinhas das possessões iludidas por promessas de trabalho, ou que se aventuravam em busca de trabalho. No entanto, as próprias entrevistadas referem-se às suas mães como mulheres que vieram nessas condições e aqui conhecido trabalhador também caribenho, constituindo família. Conforme Cleuza Shockness, as esposas dos trabalhadores da ferrovia eram mulheres que ajudavam no orçamento fazendo doces e bolos e vendendo nas imediações da ferrovia.

Muitos descendentes, filhos desses casais caribenhos ao se casarem, apesar da discordância dos pais uniram-se às mulheres do lugar, identificadas como caboclas ribeirinhas. Apesar da questão da raça, a questão religiosa não é desagregadora e sim transformadora, pois as mulheres na sua quase totalidade são evangélicas. A observação quanto à questão religiosa não passa despercebida em nenhum dos entrevistados. A condição religiosa é colocada como forma de diferenciação, de distinção e de orgulho, como se a mesma os tornasse brancos europeus e principalmente os tornasse mais dignos. Ao ser entrevistado o Sr. Artur Winter deixa clara essa condição: *nossa religião é protestante, somos da Igreja Batista. A maioria dos barbadianos e granadenses eram protestantes.*”

Sobre a adaptação deles de acordo com as condições do local, porém sem romper com a orientação religiosa recebida Elton Blackman lembra: *“meus pais freqüentavam a igreja Batista porque não tinha a anglicana e eu acompanhava”*.

Sobre o isolamento e distinção dentro da sociedade local Aurélia Bansfield comenta:



Mas eles não eram muito dado pra festa não, por causa da religião deles. A maioria deles era protestante. E não dançavam. Eram de todo tipos de religião. Alguns Batistas, Anglicanos, aquela mistura deles de religião. Então eles, não eram muito dados a festas e danças...

Muitos se converteram já em Porto Velho. Normam Lucien Johnson nascido na Ilha de Granada chegou ao Brasil com 28 anos de idade. De início ele veio para trabalhar no plantio de seringueiras no Estado do Pará. Após, foi convidado por conhecidos da sua nacionalidade para trabalhar na Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Seu depoimento possibilitou perceber que nem todos vieram evangélicos e no Brasil sofreram a ação dos missionários continuando o processo de conversão:

No Brasil, realizou-se como cidadão e chefe de família. No Brasil, em 1930, encontrou o que considera a maior descoberta de sua existência, Jesus Cristo. Aceitou-o como suficiente Salvador de sua vida e desde então tem vida abundante e plena realização pessoal, apesar de sua simplicidade econômica e social. (Normam Lucien Johnson)

As condições religiosas e a predominância de evangélicos são registradas:

Naquele tempo havia mais protestantes que católicos. No protestantismo qualquer pessoa que sabe ler um pouco já pode pegar uma bíblia e gritar, fazer aquela coisa toda, ao passo que o catolicismo não. Pra dizer uma missa tem que ser o padre mesmo. Assim, predominava mais o protestantismo. O catolicismo veio se firmar depois da chegada dos Salesianos. Os americanos seguem muita coisa parecida com o catolicismo. Já os Batistas só batizam depois de grande. Então havia os batizados Batistas feitos por pastores. E havia os batismos com os padres; eu sou católica porque fui batizada pelo padre. Com oito dias de nascida fui batizada. Naquele tempo havia festa nessas ocasiões porque eram muitas crianças que ficavam esperando a chegada do padre ou então do pastor. Na oportunidade os protestantes ou os anglicanos batizavam, com o pastor. Agora aqueles que não ligavam muito pra religião, batizavam com qualquer um. Se fosse pastor batizavam com pastor, se fosse padre batizavam com o padre. Era o que chegasse primeiro. Os pastores, realmente vinham sempre da América, como até hoje, eles costumam chegar por aqui pelo Amazonas. (Aurélia Bansfield).

Há registros de que na primeira década a presença religiosa na Vila de Porto era bastante incipiente, e por não haver nenhuma igreja as reuniões ocorriam em residências ou outros locais disponíveis. É registrada a presença dos padres católicos antes dos missionários protestantes. A primeira notícia referente a culto protestante é encontrada datada do ano de 1917. O culto foi presidido por um pastor anglicano. No ano de 1921 fundou-se a Primeira Igreja Batista e no ano de 1922 a Igreja Assembléia de Deus. Algumas famílias de barbadianos que viviam em Porto Velho aderiram a Igreja Batista, outras foram para a Assembléia de Deus, o que é apresentado pela historiografia como natural, uma vez que a maioria quase absoluta era de religião anglicana, além de serem mencionados como uma colônia britânica vivendo na Vila de Porto Velho (Lopes, 1992).

É importante lembrar que a colônia barbadiana ou caribenha fez parte da imagem de todo o século XX da cidade de Porto Velho como um grupo estranho,



vivendo no espaço geográfico da cidade. Eles eram ingleses e protestantes, portanto, eram diferentes. Curioso observar que embora tivessem a pele negra não eram considerados negros, adquiriram através da religião o status de ingleses. Não se misturaram com os negros brasileiros, e na verdade o que os distinguiu não era a cor nem mesmo o status social, porque a maior parte era apenas trabalhadores assalariados, o que os mantinha de forma distinguida era a postura religiosa e o sentimento de pertencer à outra cultura.

Esse grupo que ao se reconhecer enquanto ingleses, anglicanos, maçons, perde a identidade e atravessa todo o século XX, chegando à terceira geração. Stuart Hall fala da identidade negra atravessada por outras identidades e de como seria possível imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento, após a diáspora e no caso dos povos caribenhos das suas diásporas (HALL, 2003). Hall observa que os caribenhos passaram por uma dupla diáspora, uma vez que desligados da África vão para o Caribe e culturalmente são ingleses.

Vale dizer que os caribenhos trazidos para Porto Velho no processo de construção da ferrovia, assim como os caribenhos que já migravam para a Amazônia para a exploração da borracha eram, conforme Stuart Hall (2006:18), oriundos de uma dupla diáspora, ou seja, africana no Caribe e caribenha na Grã Bretanha. Assim, no processo de migração para a Amazônia esse processo será triplo.

Comentamos anteriormente sobre resquícios da cultura afro na religiosidade desses imigrantes que aparece apenas nos dois entrevistados não evangélicos. Aurélia Bansfield comenta sobre o costume dos antigos em fazer consulta quando do nascimento dos filhos para se saber qual seria o destino deles e Theophilus Shockness lembra as raízes e o conhecimento que os antepassados tinham, dando a perceber que quando ainda se encontravam em Barbados seus pais tinham conhecimento de práticas religiosas que ele chamou de “mandingas”.

No entanto, quando da transferência desses trabalhadores aos domínios da empresa construtora da Ferrovia, como trabalhadores recrutados pelo governo britânico, a maioria se assume enquanto ingleses, se reconhecem como de religião anglicana, distinguindo dos demais grupos. O fator religioso foi fundamental para essa separação, aliado a um sentimento de pertencimento a uma cultura superior. Questões como higiene, comportamento em público são fatores citados para mostrar a diferença que havia entre os mesmos. Theophilus observa que sua mãe não tomava café na casa das pessoas do lugar por achar que as mesmas não tinham muita higiene na cozinha. Aurélia Bansfield também comenta que os homens caribenhos esperaram pelas mulheres caribenhas pra contrair matrimônio, observando que as mulheres do lugar eram sujas e possuíam doenças. Também observamos nas entrevistas que quando os filhos dos descendentes escolheram esposas entre as mulheres da comunidade tratadas como caboclas ribeirinhas, seus pais ficaram contrariados.

Observamos pelo material coletado em campo que apesar de passado quase um século, os caribenhos transportados para a vila de Porto Velho mantiveram-se como um grupo diferenciado. A língua e a religião foram utilizadas como bandeira de distinção que os manteve isolados dos brancos e dos outros negros. Os negros brasileiros que mantinham a cultura africana, principalmente no tocante à religião foram considerados inferiores. Apesar das referências da cultura africana em dois dos entrevistados, a grande maioria reconhecia-se como ingleses e evangélicos. Alguns



optaram pela Igreja Batista, outros aderiram a Igreja Assembléia de Deus, continuando, no entanto, a não se reconhecerem como afro-descendentes.

Em algumas entrevistas percebemos de forma clara o reconhecimento como estrangeiros, classificando-se como ingleses, como de nacionalidade inglesa. Anotamos também que uma coisa está relacionada à outra, ser inglês implica ser anglicano. As duas únicas entrevistas em que aparecem elementos da cultura negra, tanto Aurélia Bansfield como Theophilos Shockness não eram evangélicos. Theophilus e Dionísio são irmãos, mas a percepção do passado é completamente distinta, estando essa distinção muito ligada aos fatos religiosos. Theophilos fala que lá no Caribe seus pais tinham conhecimento das mandingas que era uma prática dos caribenhos, mas já no Brasil são evangélicos e Dionísio Shockness frisa a condição de evangélico e maçom do seu pai, usando a pertença religiosa para distinguir-se dos demais negros.

De dez descendentes entrevistadas em momentos diferentes e fazendo uso de técnicas distintas, observa-se que sete se reconheceram como evangélicos, uma católica e dois não declararam pertencimento a nenhuma igreja. Apesar de terem sido as entrevistas, realizadas por pessoas distintas, de não terem seguido a mesma metodologia, a questão religiosa se apresenta de forma clara na fala dos entrevistados.

As entrevistas nos apontam que esse grupo que sobreviveu em Porto Velho era na sua maioria evangélica, e fortemente marcado pela colonização inglesa no Caribe. Esse grupo de trabalhadores negros caribenhos, transplantados para a então vila de Porto Velho no início do século XX, durante o processo de construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, tinha absorvido de tal maneira os costumes britânicos que como ingleses se reconhecia. Em algumas das entrevistas percebemos que quando fazem referência as suas origens, eles informam serem filhos de ingleses. Assim a comunidade negra se reconhecia e se afirmava dentro da sociedade local, sendo a questão religiosa e da língua colocada como fator importante para a manutenção desse grupo.

É importante anotarmos que mesmo após a desativação da estrada de ferro, o grupo que permaneceu na cidade de Porto Velho continuou a manter-se isolado tanto com relação à população da cidade como também perdendo o vínculo com a origem o que fez com que eles mantivessem costumes das ilhas do período em que saíram delas. Até a década de 60, as mulheres caribenhas ainda mantinham o hábito do uso do chapéu como era usado no começo do século. As mesmas eram distinguidas pela fala, pela forma de se vestir caracterizando um grupo diferenciado dentro da cidade.

Por observação, é possível perceber traços de uma recuperação da cultura. Atualmente, já na terceira geração, os netos desses trabalhadores foram adquirindo conhecimento e informação, e alguns puderam retornar à terra dos avôs e avós, restabelecendo as relações com a cultura africana. Isso é perceptível nas roupas e cabelos dos mais jovens e nas práticas de esportes e artes, assim como a participação nos movimentos negros.

O grupo manteve-se por quase um século vivendo dentro de um espaço no qual não estava inserido. Os trabalhadores que chegaram no início do século XX para trabalhar na construção da estrada de ferro, mesmo entre os caribenhos, foram os mais diversos. Mesmo dentro do grupo muitos foram os destinos. Alguns retornaram, outros tantos foram inseridos na identidade local pelos mais variados motivos. No



entanto, certo número deles nos proporciona essa leitura caracterizando uma identidade a esse grupo, marcado pela religiosidade, pelas relações de gênero e pela raça.

Bibliografia

- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- BIDEGÁIN, Ana Maria. *História dos cristãos na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- CANTANHEDE, Antônio. *Achegas para a história de Porto Velho*. Manaus, 1950.
- CRATON, MICHEL. A transição da escravidão no Caribe britânico. In: *Revista de Estudos Afro Asiáticos*. N. 28, Centro de Estudos Afro-Asiáticos/Conjunto Universitário Candido Mendes. Rio de Janeiro, 1995.
- FERREIRA, Hugo. *Reminiscências da MADMARLY e outras mais*. Porto Velho, 1969.
- GOMES, Flavio dos Santos. Gênero, etnicidade e memória na Amazônia. Em: Maria Luzia Miranda Álvarez, Eunice Ferreira dos Santos e Maria Angela D'Íncio (organizadoras). *Mulher e Modernidade na Amazônia*. Belém: CEJUP, 1997.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- HOORNAERT, Eduardo. *História do Cristianismo na América Latina e no Caribe*. São Paulo: Paulus, 1999.
- LOPES, Evandro da Rocha. *Alto do Bode: um bairro de "barbadianos" em Porto Velho-RO*. Mimeo, Porto Velho, 1992.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: CEJUP, 1995.
- MENEZES, Nilza. *Chá das cinco na floresta*. São Paulo: Komedi, 1999.
- MINTZ, Sidney Wilred. *O nascimento da cultura afro-americana*. Rio de Janeiro: Palas, 2003.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e Memória*. São Paulo: Contexto, 1994.
- PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- QUINTANEIRO, Tânia. *Retratos de Mulher*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1996.
- SANSONE, Lívio. *Negritude sem etnicidade*. Rio de Janeiro: Edufba/Pallas, 2004.